

REFLEXÕES SOBRE O USO DA HISTÓRIA ORAL PARA UMA PESQUISA SOBRE TERCEIRIZAÇÃO E MULHERES TRABALHADORAS

CAROLINE CARDOSO DA SILVA¹;
LORENA ALMEIDA GILL³

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – card.karol@hotmail.com 1

³Universidade Federal de Pelotas – lorenaalmeidagill@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esta comunicação debate as possibilidades de estudo e os limites da temática das mulheres trabalhadoras terceirizadas e a terceirização. Pensa-se, sobretudo, nas empresas de terceirização que ocupam um espaço dentro das universidades federais, especialmente na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Por tratar-se de uma pesquisa localizada no tempo presente, há a possibilidade de construção de narrativas como fonte histórica, a partir do contato direto com essas mulheres. Essas narrativas, construídas a partir da metodologia de história oral, são as principais fontes trabalhadas na dissertação que, provisoriamente, se intitula “Terceirização e precarização: narrativas das trabalhadoras terceirizadas da UFPel”.

Na dissertação os debates enfocam o entendimento do tempo histórico onde a terceirização se localiza. Considera-se aqui a reestruturação produtiva que se inicia em 1970 e, no Brasil, a acentuação da abertura neoliberal, a partir dos anos de 1990; pensa-se em terceirização enquanto precarização do trabalho. Por se tratar de mulheres trabalhadoras terceirizadas, debate-se a divisão sexual do trabalho, feminização do trabalho e dialéticas entre o gênero, raça e classe.

A partir da construção das narrativas e do uso da história oral, o debate abordará, especificamente, a entrevista realizada nas vésperas do início da quarentena, em março de 2020, e o horizonte da realização de outras entrevistas adaptadas ao contexto de distanciamento social em que o país se encontra.

2. METODOLOGIA

Delgado definirá a História Oral como sendo “um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, atrás de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais” (DELGADO, 2010, p. 15). Em termos de metodologia de pesquisa, há a perspectiva do uso da história oral temática, ou seja, a abordagem será com mulheres que atuam vinculadas à terceirização. É necessário, para a realização da entrevista, ter em mente o que se quer saber, para saber o que se deve perguntar. Para esta pesquisa, foi elaborado um roteiro básico, buscando-se levantar as informações sobre as trajetórias de vida e de trabalho dessas mulheres terceirizadas, as informações sobre suas rotinas de trabalho, sua relação com os colegas que ocupam o mesmo posto, bem como com outras categorias, de professores, técnico-administrativos e alunos. O objetivo é entender as trajetórias individuais e coletivas dentro desse espaço, bem como esse espaço se caracteriza, pelo olhar das próprias narradoras.

Movendo-se em terreno interdisciplinar, a metodologia de história oral usa da memória como uma de suas fontes principais. Traz ensinamentos e relatos da

época pesquisada, quando se trata de história oral temática, onde os depoimentos buscam relatos e versões sobre fatos históricos, e sobre a época na qual o depoimento foi produzido. Portanto, trata-se de produção de fontes, onde se cruzam intersubjetividades, inclusive do próprio historiador/pesquisador.

Para a História Oral, a memória é a principal matéria-prima de estudos. A história do tempo presente é, sem dúvida, o lugar mais visível e privilegiado para a análise do embate entre história e memória. A persistência do rigor científico trazido por historiadores e os desafios que muitas vezes os relatos de memória colocam a esse rigor, é que fazem o desafio ser difícil, mas rico em termos de análise e sínteses.

A história oral apoia-se em métodos de realização de entrevistas e construção do diário de campo que, em grande parte dos casos, revelam pontos muito mais interessantes do que a entrevista em si. No trabalho de campo realizado para essa pesquisa, que se iniciou com o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no ano de 2018, houve contato com trabalhadoras de diversos campi da UFPel, como o do Capão do Leão, sobretudo com trabalhadoras do prédio da Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel. No Campus Porto, houve contatos com trabalhadoras dos prédios da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e do Centro de Artes. Já no ano de 2019 houve a inserção da pesquisa de mestrado no Projeto de Extensão de Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores Terceirizados da UFPel (PELEJA), enriquecendo consideravelmente as percepções e informações e abrindo um leque de possibilidades de construção de narrativas. A participação na disciplina de Memória, Identidade e Construção de Narrativas, no segundo semestre de 2019, foi a ponte para o contato com a primeira narradora com a qual se realizou entrevista em março de 2020, a primeira do período do mestrado. Ela é uma ex-trabalhadora terceirizada que atuava no Campus Anglo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da entrevista realizada com Violeta¹, alguns debates foram ampliados sobre as noções de precarização do trabalho, dificuldades encontradas no trabalho terceirizado, trajetórias ocupacionais das mulheres e questões marcadas por hierarquias e diferenciações de classe. O trabalho terceirizado aqui é entendido como a precarização do trabalho e da vida das pessoas, que vendem a sua força de trabalho. Violeta, em sua narrativa, conta um pouco de seu quadro debilitado de saúde, no momento em que pergunto sobre seu dia-a-dia:

Era serviço, minha filha! Porque, eu não sei se tu sabes, já que tu tá fazendo a pesquisa agora, porque mudou também que agora era tantos metros por cada pessoa, entendeu? Aumentou o serviço e diminuiu os funcionários. Então quer dizer, quando eu peguei nessa firma, na Sulclean, eu já tinha o problema que eu tenho no túnel do carpo² nas duas mãos, e eu já tinha feito cirurgia na mão direita, então por ser sobrecarregada de serviço, eu piorei. Então quer dizer, a cirurgia não adiantou de nada, por isso que eu fui parar no INSS, então era de tudo que tu fazias, até essas janelas aí, oh, do quarto andar nós limpava, tá?

¹ Violeta é o pseudônimo da narradora ex-trabalhadora que atuava no Campus Anglo.

² Síndrome do túnel do carpo é uma neuropatia resultante da compressão do nervo mediano no canal do carpo, estrutura anatômica que se localiza entre a mão e o antebraço. A síndrome provoca dormência, formigamento e é causada principalmente por lesões relacionadas a esforço repetitivo. Reportagem contida no site do Dr. Drauzio Varella. Disponível em: <<https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/sindrome-do-tunel-do-carpo/>>. Acesso em: 28 fev. 2020.

Claro, a gente não passava pra fora, mas tinha que dar um jeito de ser limpa...

Entre várias questões interessantes da entrevista com Violeta, um ponto alto é quando ela trouxe para sua narrativa as questões de escolaridade, bem como as familiares de seus parentes, pois relata que sua avó, mãe e tia trabalharam como operárias no antigo frigorífico Anglo, abordando uma perspectiva geracional vinculada às dificuldades do mundo do trabalho. Ela observa que não tem o Ensino Fundamental completo, e que isso fez com que acabasse trabalhando como faxineira em grande parte de sua vida. Violeta conta que começou a trabalhar no ramo porque:

foi o que surgiu, né? Uma porque eu não tinha estudo, como que eu vou escolher emprego, (inaudível) uma que eu não tenho estudo, como que eu ia tá escolhendo emprego, e aí o primeiro serviço que eu peguei foi na rua, na Delta, que era na varreção da rua, eu tinha os guris tudo pequeno, tinha que comer também, né?

Lisboa (2004) aponta que a categoria de trabalhadoras domésticas se aproxima das trabalhadoras de limpeza de ramo terceirizado pela noção de trajetórias ocupacionais de mulheres. Há escassa mobilidade social e a permanência efetiva em funções consideradas de baixo prestígio. Muitas dessas mulheres começam a trabalhar entre 12 e 14 anos, cuidando de crianças ou como empregadas domésticas, e “em muitos casos, só em troca de roupa (...) seguindo-se as funções de faxineiras e serventes de limpeza. A principal causa que dificulta a mobilidade social e ocupacional dessas mulheres é o baixo nível de ensino [...] pois algumas só sabem escrever o nome” (LISBOA, 2004, p. 164).

Quando foi perguntado a ela sobre alguma memória mais marcante que ela entendesse como preconceito ou discriminação de classe, ela respondeu:

uma coisa que me aconteceu, não foi só comigo, foi com todos aí dentro, foi que a gente foi proibido de comer na cozinha. Sendo que a cozinha é popular, é pra todos, tá? Mas aí foi a firma, a Sulclean que proibiu nós de tomar café, ah é, o café nós não podia tomar, agora lembrei, nós tomava escondido. Se tomasse café, era advertência. Café tinha que tomar na tua casa antes de sair. Aí tu pegava as sete, soltava meio dia, ai tu imagina sete horas sem comer nada, tá? Aí nós fomos proibidos de comer na cozinha. Aí vamos comer embaixo das árvores então, né?, já que não podemos comer na cozinha. Mas aí foi feito, começemos a passar por cima, por esses que a gente mais se dava, sabe? Os grandão aí dentro, aí chegou no Reitor e o Reitor expediu uma nota dizendo que a cozinha era popular, era de todo mundo, e que nós tava... que era pra nós almoçar ali se fosse preciso, fazer as refeição ali, até colaram uns cartazes e deram uma cópia pra cada um dos funcionários. Mas é essa firma que tá aí que queria proibir nós de comer. Então quer dizer, é separar o pobre do rico, né? É discriminação isso aí. Não é porque tu tá ali limpando que tu é um bandido, um marginal.

Contudo, percebe-se a fragilidade de se optar por essas fontes quando simplesmente se é impossibilitado de realizar entrevistas e de ir a campo, pelo distanciamento social ser a realidade desde março de 2020. Essa pesquisa já encontrou dificuldades no sentido de algumas mulheres terem medo de gravações, ou optarem por não se expor, sobretudo no período do TCC. Mas, em tempos pandêmicos, mais desafios se colocam. Santhiago (2020) reflete sobre a possibilidade de se realizar entrevistas *online* sem mexer na integridade da

metodologia de história oral, as questões de subjetividade e corpo e os rigores metodológicos na realização de entrevistas a distância. O autor afirma que,

do ponto de vista metodológico, foi [baseado em pesquisas realizadas] possível observar a importância de alguns cuidados técnicos para uma entrevista a distância. Em primeiro lugar, uma maior atenção à qualidade da gravação do áudio, tendo em vista que o som pode se dispersar na interação mediada pelo computador, gerando ruídos desnecessários. Outro cuidado é garantir ao entrevistado toda a informação possível sobre o pesquisador e sobre o projeto de pesquisa, de modo que ele fique assegurado em relação à confiabilidade do projeto e à idoneidade do entrevistador (SANTHIAGO, 2020, p. 9-10).

Há o horizonte de realização de quatro entrevistas *online* no mês de outubro com quatro trabalhadoras terceirizadas que atuam no Projeto PELEJA, já que a pesquisa se encontra no seu segundo ano, ou seja, o ideal seria a realização dessas entrevistas ao vivo pelas questões que o campo traz de frutos para além da narrativa em si. Contudo, como não há previsão de vacina que possibilitaria o fim da pandemia COVID-19, a metodologia de história oral será, ainda, o principal método de análise de fontes da pesquisa, atentando para essas questões e as realidades virtuais.

4. CONCLUSÕES

São perceptíveis os efeitos desgastantes da precarização do trabalho. Isso ocorre de maneira mais significativa entre as mulheres, por cumprirem muitas vezes o papel de donas da casa, de mães, de esposas e de trabalhadoras. Os estudos de mundos do trabalho costumeiramente apontam a tripla opressão que sofrem as mulheres, por sua condição de classe, gênero e raça. Contudo, nos moldes contemporâneos, pós-reestruturação produtiva, essas opressões são apropriadas pelo sistema, reforçando esse papel subalternizado. Considerando isso, são essenciais os estudos que colocam perspectiva histórica às novas configurações do mundo do trabalho e como estas recaem nos sujeitos que vivem do trabalho. Mesmo sendo desafiantes os estudos de um tempo tão recente, estes só tendem a qualificar os debates acadêmicos sobre a sociedade atual.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: Memória, Tempo, Identidades.** 2 ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2010.
- SANTHIAGO, Ricardo. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 27. p. 1-18, 2020.
- LISBOA, Teresa Kleba. Um olhar por baixo do tapete: mulheres terceirizadas. **Mulher e trabalho**, Porto Alegre, v. 4, p. 161-168, 2004.
- Violeta. Ex-trabalhadora terceirizada do Campus Anglo. **Entrevista concedida a Caroline Cardoso da Silva**. Campus Anglo, Pelotas, 2020.